

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**GABRIELA OLIVEIRA DE ÁVILA NASCIMENTO**  
**LAICON SOUZA DE CARVALHO**

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE PRETA DENTRO DA ACADEMIA**

LARANJEIRAS/SE  
2021

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade tentar compreender o panorama étnico dentro da academia de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. As análises são feitas a partir de dados coletados através das respostas obtidas por meio de formulário eletrônico autoaplicado e fundamentam um debate sobre a arquitetura afro-brasileira na academia e sua representatividade.

Palavras-chave: Academia – representatividade – preto – arquitetura – afro-brasileira

**Abstract:** The present work intends to try understand the panorama ethnic inside the Architecture and Urbanism's Academy in Brazil. The analysis are maded from datas colected through answers owned by eletronic form self administered and bases a debate about afro-brazilian architecture in the academy and your representativeness.

Keywords: Academy - representativeness – black – architecture – afro-brazilian

## INTRODUÇÃO

### 1 Arquitetura afro-brasileira e sua importância

A arquitetura tem se perpetuado na história segundo duas vertentes que podem ser verificadas em praticamente toda civilização humana: a arquitetura palaciana, que é corriqueiramente a que entra para os livros de história, e a arquitetura popular, que não raro é negligenciada pelo academicismo. A civilização africana não diverge muito disso. Devido à maneira como se deu a vinda dos africanos escravizados ao Brasil, não é surpreendente que a arquitetura que tenha sido trazida consigo e marcou com maior rigor a tradição arquitetônica brasileira foi a arquitetura popular, com pouca influência da arquitetura palaciana africana.

A arquitetura afro-brasileira, em decorrência disso, está presente, principalmente, entre as camadas populares do Brasil com massiva influência da arquitetura popular africana, como salienta Weimer (2014):

Apesar das imposições decorrentes da escravidão, os preceitos sociais e o fato de os africanos e seus descendentes se constituírem na maioria da população, os conceitos e técnicas construtivas se tornaram hegemônicas no nível popular da arquitetura brasileira até o fim da escravidão (WEIMER, 2014, p. 24).

Suas técnicas construtivas e tipologias, que posteriormente passaram a possuir também traços de influência tanto indígena quanto europeia, tiveram influências mais notáveis dos povos bantos e sudaneses (WEIMER, 2014).

A forma que eram organizados os quilombos se assemelha a algumas aldeias; as senzalas eram semelhantes às “sanzalas”, uma forma de organizar as “cubatas”, que eram um tipo de habitação africana. Além disso, técnicas construtivas como a casa de taipa, tão conhecida na arquitetura vernacular sertaneja, se faz presente nessa influência que a África teve sobre o Brasil na arquitetura. Para além das técnicas e tipologias arquitetônicas, o modo que as favelas estão dispostas na malha urbana brasileira, segundo Weimer, é uma evolução dos quilombos urbanos:

Os quilombos urbanos cresceram de forma tão desmesurada que hoje, em muitas cidades, sua extensão se aproxima (e, em alguns casos, ultrapassa) da metade de sua área de ocupação. Com nomes que variam de região para região, estes assentamentos negros majoritariamente são denominados de ‘favelas’, se tornaram mestiços (WEIMER, 2014, p. 32).

Desta forma, fica evidente que a tradição arquitetônica africana deixou marcas profundas na cultura brasileira, e é intenção do presente trabalho verificar se essas marcas estendem-se também ao cenário acadêmico.

## **2 Representatividade dentro da Arquitetura e Urbanismo**

Mesmo com tamanha influência do modo de fazer africano na arquitetura popular brasileira, é plausível afirmar que esse tema foi invisibilizado na nossa sociedade desde sempre. Fazendo uma busca por artigos ou trabalhos acadêmicos na internet, por exemplo, percebe-se rapidamente uma certa escassez de produções específicas sobre arquitetura afro-brasileira.

Da mesma forma, é um trabalho penoso tentar conseguir quaisquer dados estatísticos que possam auxiliar no entendimento do panorama do (a) arquiteto (a) e urbanista preto (a) na nossa sociedade, mesmo no Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), que é o órgão mais precisamente direcionado a lidar com questões específicas da Arquitetura e Urbanismo, não apresenta nenhum dado relativo a etnia no seu último censo sobre o perfil do arquiteto brasileiro (2015). Quando o cenário passa a ser a universidade pública brasileira, as coisas não ficam mais simples. Encontrar dados relativos ao acesso de pessoas pretas ao curso de Arquitetura e Urbanismo, continua sendo um processo lento e burocrático.

Entretanto, existem entidades debruçadas sobre o propósito de tornar isso diferente. Mais uma vez, fazendo uma rápida pesquisa na internet e/ou em mídias

sociais, já é possível encontrar pessoas e instituições trazendo à universidade o debate sobre arquitetura afro-brasileira.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), o grupo de pesquisa Etnicidades apresenta-se como um dos maiores grupos de pesquisa sobre o tema no Brasil, realizando anualmente o seminário “Salvador e Suas Cores”, que promove o debate sobre as relações étnico raciais no curso de Arquitetura e Urbanismo no Brasil e na África, assim como o grupo de pesquisa Arquitetura Popular: espaços e saberes, que reuniu diversos artigos sobre o tema, como o “ARQUITETURA DE TERRA E DIFERENTES MANEIRAS DE CONSTRUIR”, que trata da influência africana na arquitetura popular brasileira e alguns trabalhos acadêmicos, como a dissertação de mestrado “A CASA DO “VELHO”: O SIGNIFICADO DA MATÉRIA NO CANDOMBLÉ”. Apesar de não existir mais o grupo de pesquisa, o site usado pelos membros ainda é mantido como uma base de dados a qual está aberta a colaboração de outras pessoas interessadas em pesquisar sobre a arquitetura popular.

Ainda com a mesma intensidade, começam a surgir no âmbito acadêmico e também fora dele coletivos de arquitetura e urbanismo, que propõem a união de profissionais e/ou estudantes em função de visibilizar o povo preto na arquitetura e viabilizar a produção acadêmica e profissional com maior facilidade, como é o caso dos coletivos universitários Ye Mastaba (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Malungo (Universidade Federal de São Paulo) e do projeto Arquitetas Negras, fundado pela arquiteta e urbanista Gabriela de Matos, e do “Coletivo de Arquitetas Negres de Sergipe” (CANES).

Em decorrência dessa escassez de representatividade, e inspirados por esses movimentos coletivos, nasceu a iniciativa de começar também a produzir conteúdo relativo à arquitetura afro-brasileira na forma de artigos acadêmicos, e o primeiro passo foi entender o panorama do (a) profissional de arquitetura e urbanismo ainda no seu primeiro contato com esse universo, que é a academia. Entretanto, encontrar dados que viabilizassem uma análise desse tipo foi uma empreitada infrutífera, e tentando contornar essa dificuldade foi elaborado um questionário virtual que pudesse fundamentar a análise de tal panorama.

## **METODOLOGIA**

A ideia inicial foi fazer um levantamento bibliográfico sobre o assunto estudado, pesquisando artigos difundidos por meio eletrônico ou mesmo textos em páginas da internet. Entretanto, em pouco tempo de busca, foi constatada a pouca disponibilidade de conteúdo, não sendo possível encontrar artigos ou trabalhos com grandes direcionamentos relacionados a essa temática com facilidade.

O segundo passo foi buscar dados mais precisos e estatísticos sobre o preto na arquitetura e urbanismo, mas também de imediato foi percebida a inexistência de levantamentos sobre o assunto. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não apresenta nada a respeito, talvez por ser um tema deveras específico. O Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) traz, no seu último censo disponibilizado na internet, dados de gênero, perfil socioeconômico, faixa etária e até conhecimento de softwares do arquiteto e urbanista brasileiro, mas nenhum dado referente à etnia. Ao tentar conseguir dados sobre o ingresso de pessoas pretas, especificamente, ao curso de arquitetura e urbanismo em universidades federais, não se obteve êxito, uma vez que, se existem dados precisos sobre esse ingresso, eles são de difícil acesso.

Em decorrência disso, decidiu-se começar a produzir uma própria fonte de dados e contribuir junto àqueles que já iniciaram a produção desses conteúdos e pensamos, inicialmente, em conhecer o cenário acadêmico de arquitetura e urbanismo e como o estudante preto está inserido ou não nele. Dessa forma, elaboramos um formulário virtual autoaplicado (em decorrência da pandemia de Covid-19), através da ferramenta Google Forms, uma vez que era a forma mais segura e viável de tentarmos obter respostas de todas as regiões brasileiras.

O formulário foi dividido em algumas sessões, uma para respondentes autodeclarados pretos ou pardos e outra para os demais respondentes, por exemplo, tendo em vista que o tema trata diretamente de uma questão étnica específica. Dessa maneira, foi possível fazer uma separação dos resultados entre respondentes autodeclarados pretos e não pretos, o que ajuda na tentativa de perceber se existe ou não diferença na maneira como o tema é visto e recebido pelo corpo acadêmico. Outras divisões que permitiram refinar um pouco mais essa análise são entre os discentes e docentes e entre os gêneros, entendendo que a percepção social muda de acordo com a posição que você ocupa na sociedade.

O questionário foi criado objetivando conhecer o perfil do corpo acadêmico do curso de arquitetura e urbanismo. Saber se a temática da Arquitetura Afro-brasileira é abordada nas universidades, de que forma é abordada, entender o nível de

importância que professores e alunos atribuem a essa temática, dentre outros assuntos.

Ele foi distribuído de maneira virtual para alunos e professores de cursos de arquitetura e urbanismo de todo o Brasil e alcançou estudantes de todo o país. O retorno dos estudantes foi mais abundante, apresentando pelo menos um respondente de cada estado brasileiro, entretanto, o espectro de respondentes professores foi muito diminuto.

Com os dados em mãos, foi elaborada uma análise dos resultados, que serviu também de embasamento para o presente trabalho.

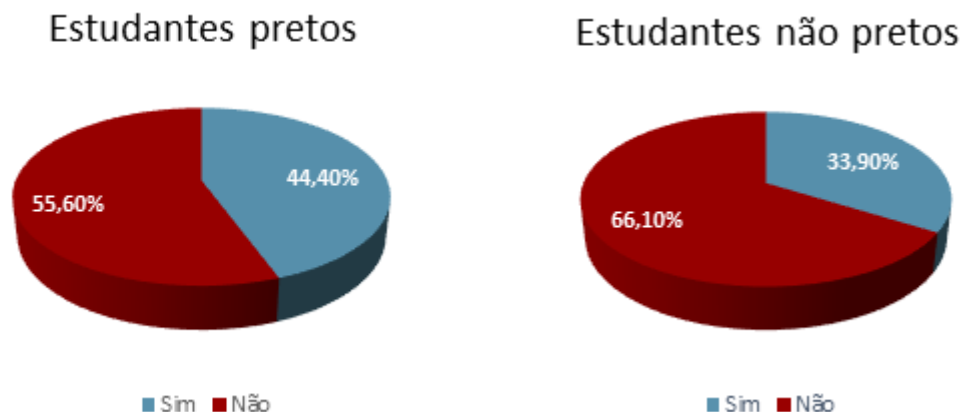
## RESULTADO E DEBATE

A maioria dos respondentes estudantes se autodeclararam pretos, apresentando um percentual de 55,0% (somatório dos estudantes pretos e pardos). Não foi possível associar esse resultado a estatísticas de entrada de estudantes pretos ou pardos em Instituições de Ensino Superior (IES) justamente pela dificuldade - anteriormente mencionada - de encontrar esses dados por meio virtual.

A experiência acadêmica é uma miríade de descobertas e novas percepções. Muitas vezes, quando essa jornada é iniciada, sabe-se muito pouco sobre o universo em que seu curso se faz presente. Ao conhecer, debater e estudar diferentes temáticas, os discentes podem descobrir novos caminhos e desenvolver distintas maneiras de pensar e contribuir na academia. Uma vez que o estudante não tem acesso a todas as possibilidades, ele pode ser levado a acreditar que algumas discussões não cabem dentro do espectro teórico do curso, e quando se tem a oportunidade de conhecer outras discussões geradas por ele, os interesses são despertados e o repertório acadêmico se amplia.

Ainda assim, 74,8% dos respondentes afirmaram que o tema (arquitetura afro-brasileira) não é abordado nas universidades. Algumas das alternativas apresentadas, com menor índice de resposta, foram, por exemplo, "*Inserido em disciplinas de história*" (20,6%) e "*Possui grupos de pesquisa*" (3,8%). Além disso, a maioria dos estudantes nunca se interessou/pesquisou sobre o tema, e pode-se afirmar que os estudantes pretos e pardos se interessam/pesquisam mais por ele que os estudantes não pretos, como mostram os gráficos a seguir.

**Gráfico 1:** Interesse de pesquisa por arquitetura afro-brasileira por estudantes negros, pardos e não negros.

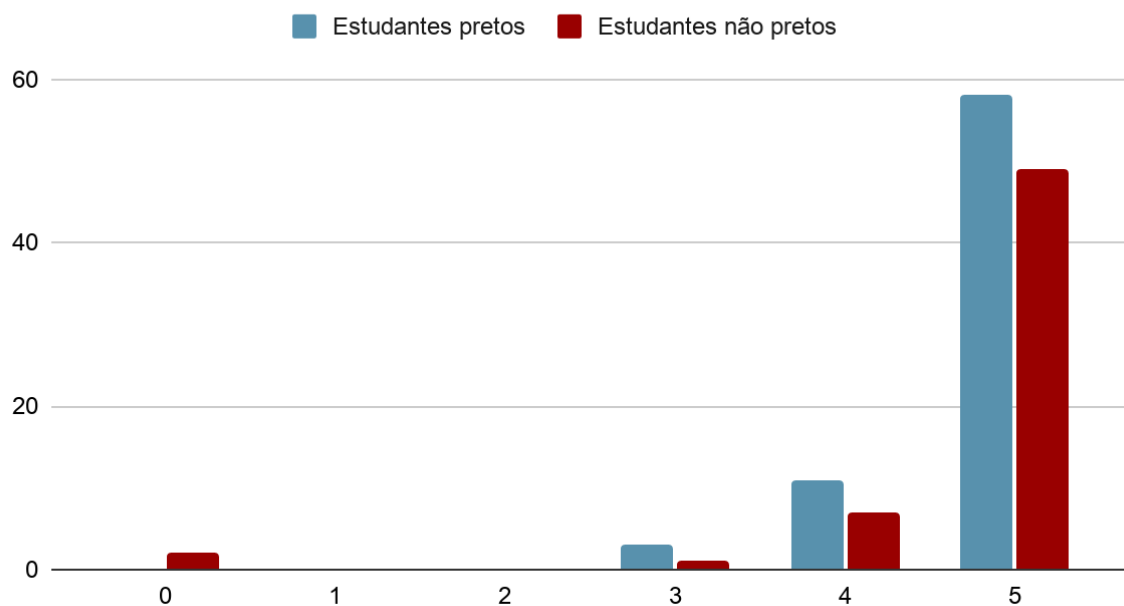


Fonte: Dados dos autores, 2021.

Isso pode revelar que, apesar da aparente pouca importância que a academia atribui ao assunto, estudantes pretos costumam se interessar e pesquisar mais a respeito, talvez por ser um tema que tem reflexo mais direto sobre seu próprio cotidiano. Por outro lado, apesar da pouca frequência com que o assunto é abordado, tanto discentes pretos quanto não pretos responderam considerá-lo de extrema relevância. Numa escala de 0 a 5 (sendo 0 irrelevante e 5 de extrema relevância), 80,6% dos estudantes pretos assinalaram 5, enquanto os respondentes não pretos somaram um percentual de 83,1% na mesma questão.

**Gráfico 2:** Nível de relevância do tema pesquisado.

## Nível de Importância do Tema



Fonte: Dados dos autores, 2021.

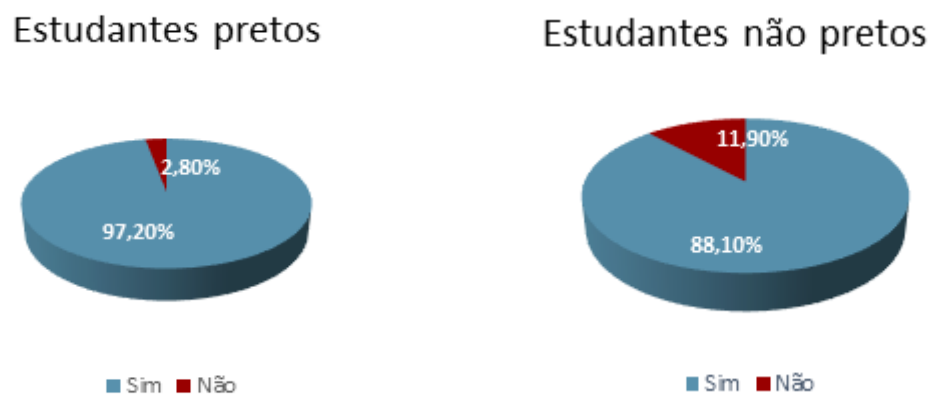
Dentre os respondentes, diferentes formas de imergir no tema da Arquitetura Afro-brasileira são utilizadas. Seja debatendo o assunto com amigos próximos que também se interessam pelo tema, seja assistindo vídeos no Youtube ou ouvindo podcasts. Além dessas maneiras, muitas outras foram relatadas no formulário, sendo a internet e o pouco material bibliográfico acadêmico os meios mais utilizados pela maioria dos discentes. Ao analisar as respostas a respeito dessas maneiras de conhecer o tema, alguns dos respondentes relataram que seu interesse é fomentado a partir de ações dentro da universidade, em encontros e/ou grupos de pesquisa.

Em se tratando de representatividade preta na arquitetura, os resultados são desanimadores para quem se preocupa com o tema. 84,7% dos estudantes de arquitetura não conhecem nenhum teórico preto de Arquitetura e Urbanismo. Das poucas respostas contrárias, nota-se uma grande recorrência nos nomes citados. Gabriela Leandro (Gaia), Tainá de Paula e Joice Berth são os nomes que coincidem com maior frequência. O cenário melhora quando se trata de projetistas pretos. Metade dos respondentes pretos conhecem pelo menos um projetista preto, sendo o mais comum dentre as respostas o arquiteto Francis Kéré, seguido por Tainá de Paula e o paulista Joaquim Pinto Oliveira (Thebas).



Trazendo o espectro analisado para mais próximo da academia, em relação à presença de profissionais pretos de arquitetura e urbanismo nas universidades, metade dos discentes afirmaram que não possuem nenhum professor com esse perfil em seu departamento. Em 38% dos resultados obtidos, o corpo docente conta com pelo menos um professor preto, e em apenas 12,2% das respostas existe mais de um. A falta desses profissionais na academia não passa despercebida pelos discentes. A grande maioria dos respondentes relatou sentir falta de referenciais pretos durante a graduação, sendo essa falta mais sentida entre alunos pretos.

**Gráfico 2:** Representatividade de docentes pretos na academia.



Fonte: Dados dos autores, 2021.

Uma sessão do questionário foi destinada apenas a respondentes autodeclarados pretos. Isso justifica-se pelo entendimento de que algumas experiências só podem ser sentidas e relatadas por alguém que viveu determinadas situações. Quando questionados sobre casos de discriminação racial durante a graduação, por exemplo, 15,3% dos respondentes relataram já ter sofrido com isso.

O tempo despendido na obtenção de um diploma costuma ser árduo e pode ser ainda mais complicado a depender do espaço que você ocupa na sociedade. Apesar de, atualmente, existirem políticas públicas que tentam diminuir a desigualdade, quando se fala de racialidade, as dificuldades podem ser maiores para os estudantes pretos. De acordo com os dados adquiridos com o questionário, 23,6% dos respondentes afirmaram já ter sofrido dificuldade na graduação por ser preto, e quase metade dos respondentes (45,8%) apontaram, inclusive, já ter sentido dificuldade em alguma seleção (estágio, vaga em projeto de pesquisa ou extensão) por isso.

Com essa última sessão, pôde-se perceber também como espaços que promovem o debate sobre a representatividade preta - assim como o presente artigo, por exemplo - seja na academia ou em qualquer outro meio, são relevantes e podem ser importantes zonas de acolhimento para o estudante preto. O questionário obteve ainda diversos relatos de discentes que se sentiram à vontade para expor situações pessoais (que não serão aqui expostas por esse motivo), mesmo sem saber ou conhecer intimamente quem o elaborou.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo tem como objetivo entender melhor a representatividade dentro do curso de Arquitetura e Urbanismo. Logo, o questionário foi aplicado tanto para os discentes quanto para os docentes, como mencionado anteriormente. Contudo, apesar da tentativa de divulgar o formulário entre os docentes através de meios digitais, o método que alcançou um bom número de respondentes alunos não se mostrou tão efetivo para os professores.

Talvez, para alcançar a adesão do corpo docente, fosse necessário apresentar a proposta do artigo junto ao questionário de maneira individual para cada professor de IES do Brasil, o que seria uma árdua empreitada - e sem garantia de sucesso - considerando o número de cursos de arquitetura (algo em torno de 650 e 780) em todo o país. Uma maneira de refinar o alcance poderia ser limitar a análise aos cursos de instituições públicas, o que seria também uma tarefa copiosa e ainda não seria capaz de nos aproximar do resultado almejado, que é conhecer o panorama do corpo acadêmico de arquitetura em todo o Brasil.

Em virtude disso, as respostas obtidas pelos professores foram consideradas insuficientes para configurar uma amostragem segura, e os dados coletados não entraram na apresentação dos resultados. Ainda assim, essas respostas foram capazes de enriquecer a discussão com boas contribuições. Perguntados sobre o que o corpo docente pode fazer para estimular o debate sobre a arquitetura afro-brasileira, alguns desses professores apresentaram sugestões que podem ser interessantes para a maximização dos horizontes dos alunos enquanto projetistas, como, por exemplo, mostra a resposta de um docente: “Inserir referenciais nas aulas, direcionar alunos em referências projetuais em atividades específicas em que os alunos só

possam escolher projetos de autoria preta, trabalhar as questões de raça na produção da arquitetura e urbanismo” (Autor Anônimo, 2020).

Algumas sugestões mais abrangentes, mas de teor similar foram “expandir o olhar para o multicultural e antropologia urbana” ou “pesquisar mais e estimular a produção de conhecimento nesse tema”

Após conhecer um pouco do cenário dentro da academia (considerando, é claro, as limitações já citadas), percebe-se que a falta de representatividade é constatada e partilhada entre os respondentes. No entanto, também é notório que a maioria dos participantes deste formulário reconhecem a importância da presença de pessoas pretas dentro do ambiente acadêmico (de arquitetura em específico, nesse caso). Além disso, existem propostas e meios simples de tentar fazer essa falta ser um pouco menos sentida dentro das salas de aula, que foram apresentadas pelos próprios docentes. Uma vez que há todas essas constatações, surge um novo anseio por entender o que falta para sanar essas deficiências encontradas, levando em consideração que boa parte do corpo acadêmico já reconhece a sua existência.

## REFERÊNCIAS

WEIMER, Günter. **Inter-Relações Afro-Brasileiras na Arquitetura**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2014.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega De. **Entre escravos e taipas**: o modo de fazer africano na arquitetura paulista. Scielo, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742020000100404&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742020000100404&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 05/04/2021.

MATOS, Denis Alex Barboza de. **A casa do “velho”: o significado da matéria no candomblé**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25818>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PENHA, Maria Estrela Rocha Ramos; SANTOS, Ilana Ramos Costa; SANTOS, Israel Jonatas Veloso Dos. **Arquitetura De Terra e Diferentes Maneiras De Construir**. VII Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil, Rio de Janeiro, novembro de 2018.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular afro-brasileira**. Em Questão, Porto Alegre, v. 26, p. 291-316, Edição Especial Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245260.291-316>

## **APÊNDICE**

### **REPRESENTATIVIDADE PRETA NA GRADUAÇÃO DE ARQ/URB**

Questionário elaborado por estudantes pretos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe que, mesmo em pouco tempo de

curso, já se depararam com a extrema falta de representatividade preta na Academia. Em decorrência disso, decidiram usar tal constatação como força motriz para a produção de conhecimento a respeito da arquitetura afro-brasileira, porém, percebe-se de imediato a pouca disponibilidade de conteúdo acadêmico sobre o tema. Sendo assim, resolveu-se propor, através desse questionário, uma tentativa de entendimento do recorte racial nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, para a elaboração de futuros trabalhos que englobem a problemática em questão.

1. NOME

2. UNIVERSIDADE

3. QUE ESPAÇO VOCÊ OCUPA NA UNIVERSIDADE?

DISCENTE *Pular para a pergunta 4*

DOCENTE *Pular para a pergunta 5*

RAÇA

4. Selecione a sua raça

AMARELO *Pular para a*

*pergunta 22* BRANCO

*Pular para a pergunta 22*

INDÍGENA *Pular para a*

*pergunta 22*

PARDO *Pular para a pergunta*

6

NEGRO *Pular para a pergunta*

6

RAÇA

5. Selecione a sua raça

AMARELO *Pular para a*

*pergunta 41* BRANCO

*Pular para a pergunta*

41 INDÍGENA *Pular para*

*a pergunta 41*

PARDO *Pular para a*

*pergunta 32*

NEGRO *Pular para a*

*pergunta 32*

DISCENTES

6. SELECIONE SEU GÊNERO

Feminino

Masculino

Outro:

**SOBRE A ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA**

7. NO SEU CURSO HÁ ESTUDO SOBRE ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA? COMO ESSE ASSUNTO É ABORDADO?

NÃO É ABORDADO

INSERIDO EM DISCIPLINAS DE HISTÓRIA

POSSUI UMA DISCIPLINA

OBRIGATÓRIA ESPECÍFICA

POSSUI UMA DISCIPLINA

OPTATIVA

POSSUI GRUPOS DE PESQUISA

8. O QUÃO RELEVANTE VOCÊ CONSIDERA O ESTUDO DESSE ASSUNTO?

0    1    2    3    4    5

IRRELEVANTE

EXTREMA RELEVÂNCIA

9. VOCÊ JÁ SE INTERESSOU/PESQUISOU O TEMA?

SIM

NÃO

10. EM CASO AFIRMATIVO, QUAIS AS MANEIRAS DE APROFUNDAR ESSE ESTUDO VOCÊ DESENVOLVEU?

### **SOBRE REFERENCIAIS PRETOS**

11. VOCÊ JÁ LEU OU CONHECE ALGUM (A) TEÓRICO (A) PRETO (A) DE ARQUITETURA?

SIM

NÃO

12. SE SIM, QUEM?

13. VOCÊ JÁ LEU OU CONHECE ALGUM (A) PROJETISTA PRETO (A) DE ARQUITETURA?

SIM

NÃO

14. SE SIM, QUEM?

15. QUANTOS PROFESSORES PRETOS VOCÊ TEM NO SEU DEPARTAMENTO?

0

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10 OU MAIS

16. VOCÊ JÁ SENTIU FALTA DO CONTATO COM REFERÊNCIAS PRETAS DURANTE A GRADUAÇÃO?

SIM

NÃO

### **SOBRE A VIVÊNCIA NA GRADUAÇÃO**

17. VOCÊ JÁ VIVEU ALGUMA SITUAÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CURSO DE ARQ/URB?

SI

M



NÃ

O

18. VOCÊ JÁ PASSOU POR ALGUMA DIFICULDADE NO CURSO DE ARQ/URB POR SER PRETO?

SIM

NÃO

19. VOCÊ JÁ SENTIU ALGUMA DESVANTAGEM EM UMA SELEÇÃO POR SER PRETO? (Estágio, emprego, pesquisas, entre outros).

SIM

NÃ

O

20. EXISTEM OUTROS ASPECTOS QUE VOCÊ JULGA PERTINENTES A RESPEITO DA ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA?

21. SE VOCÊ SE SENTIR CONFORTÁVEL PARA COMPARTILHAR ALGUMA EXPERIÊNCIA, USE ESSE ESPAÇO.

### **DISCENTES\***

22. GÊNERO

Fe

mini

no

Mas

culi

no

Outr

o:

### **SOBRE A ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA**

23. NO SEU CURSO HÁ ESTUDO SOBRE ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA? COMO ESSE ASSUNTO É ABORDADO?

NÃO É ABORDADO

INSERIDO EM DISCIPLINAS DE HISTÓRIA

POSSUI UMA DISCIPLINA

OBRIGATÓRIA ESPECÍFICA POSSUI

UMA DISCIPLINA OPTATIVA

POSSUI GRUPOS DE PESQUISA

24. **O QUÃO RELEVANTE VOCÊ CONSIDERA O ESTUDO DESSE ASSUNTO?**

0      1      2      3      4      5

IRRELEVANTE  
RELEVÂNCIA

EXTREMA

25. **VOCÊ JÁ SE INTERESSOU/ PESQUISOU O TEMA?**

SIM

NÃO

26. EM CASO AFIRMATIVO, QUAIS AS MANEIRAS DE APROFUNDAR ESSE ESTUDO VOCÊ DESENVOLVEU?

**SOBRE REFERENCIAIS PRETOS**

27. VOCÊ JÁ LEU OU CONHECE ALGUM (A) TEÓRICO (A) PRETO (A) DE ARQUITETURA?

S

I

M

N

Ã

O

28. SE SIM, QUEM?

29. QUANTOS PROFESSORES PRETOS VOCÊ TEM NO SEU DEPARTAMENTO?

0

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10 OU MAIS

30. VOCÊ JÁ SENTIU FALTA DO CONTATO COM REFERÊNCIAS PRETAS DURANTE A GRADUAÇÃO?

S  
I  
M  
N  
Ã  
O

31. EXISTEM OUTROS ASPECTOS QUE VOCÊ JULGA PERTINENTES A RESPEITO DA ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA?

**DOCENTE**

32. SELECIONE SEU GÊNERO

FEMININO

MASCULINO

Outro: \_\_\_\_\_

33. JÁ MINISTROU ALGUMA DISCIPLINA RELACIONADA À ARQUITETURA AFRO- BRASILEIRA?

S  
I  
M  
N  
Ã  
O

34. JÁ LEU OU CONHECE ALGUM (A) TEÓRICO (A) PRETO (A) DE ARQ/URB?

S  
I  
M  
N  
Ã  
O

35. EM CASO AFIRMATIVO DA PERGUNTA ANTERIOR, QUEM?

36. VOCÊ JÁ SENTIU FALTA DO CONTATO COM REFERÊNCIAS PRETAS DURANTE A DOCÊNCIA?

S  
I  
M  
N  
Ã  
O

37. VOCÊ JÁ SENTIU DESVANTAGEM EM SELEÇÕES POR SER PRETO? (Estágio, emprego, pesquisas, entre outros.)

S  
I  
M  
N  
Ã  
O

38. VOCÊ JÁ SOFREU OU PRESENCIOU UMA SITUAÇÃO DE

DISCRIMINAÇÃO RACIAL DENTRO DA UNIVERSIDADE?

39. O QUE O CORPO DOCENTE PODE FAZER PARA ESTIMULAR O DEBATE SOBRE A ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA?
40. EXISTEM OUTROS ASPECTOS QUE VOCÊ JULGA PERTINENTES A RESPEITO DA REPRESENTATIVIDADE PRETA NA UNIVERSIDADE?

**DOCENTE\***

41. GÊNERO

FEMININO

MASCULINO

Outro:

42. JÁ MINISTROU ALGUMA DISCIPLINA RELACIONADA À ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA?

SIM

NÃO

43. JÁ LEU OU CONHECE ALGUM (A) TEÓRICO (A) PRETO (A) DE ARQ/URB?

S

I

M

N

Ã

O

44. EM CASO AFIRMATIVO DA PERGUNTA ANTERIOR, QUEM?

45. VOCÊ JÁ SENTIU FALTA DO CONTATO COM REFERÊNCIAS PRETAS DURANTE A DOCÊNCIA?

S

I

M

N

Ã

O

46. O QUE O CORPO DOCENTE PODE FAZER PARA ESTIMULAR O DEBATE SOBRE A ARQUITETURA AFRO-BRASILEIRA?

47. EXISTEM OUTROS ASPECTOS QUE VOCÊ JULGA PERTINENTES A RESPEITO DA REPRESENTATIVIDADE PRETA NA UNIVERSIDADE?

